

O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

SUMMARIO :

A Profanação do domingo, pelo padre Senna Freitas — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo*, por Zepherino Gonçalves. — SECÇÃO LITTERARIA: *Do Havre a Ruão*, pelo padre F. Sanches. — *Aproposito do socialismo*, por um Vimaranesse. — PUBLICAÇÕES. — PROPAGAÇÃO DA FÉ. — EXPEDIENTE. — ANNUNCIOS.

GUIMARÃES 30 DE NOVEMBRO

Batem-nos á porta uns poucos d'assumptos, todos palpitantes de actualidade: abrimol-a hoje á *profanação do domingo*. Uma revista catholica deve tactear este herpes da sociedade contemporanea, e enterrar-lhe afouto o bistori da critica christã e philosophica.

A questão da santificação do dia dominical não é só uma questão religiosa, é por igual uma questão social. A religião tem no complexo da sua doutrina altamente humanitaria a solução de tantos problemas de toda a ordem, que o domingo já por si só é a solução de muitos problemas sociaes, decifrados não com o chimérico apparatus dos economistas e dos philosophos Benthan e Saint-Simon, mas com aquella lucidissima e effectiva simplicidade que lhe é propria.

Ora esta solução proposta por Deus ao homem e á sociedade, como um elemento essencialmente civilizador, a sociedade catholica parecê, em grande parte remettel-a para o cadoz d'esses utensilios anachronicos que já hoje não podem servir d'alavanca para auxiliar o movimento social, farto de meliores instrumentos dynamicos. Quando muito, é traste que só poderá servir como artigo de curiosidade archeologica n'algun museu de velharias.

Que observa, quem atravessa uma das nossas principaes cidades do reino, em dia de domingo? O templo muitas vezes deserto, a rua obstruida dos homens do mercantilismo, que curvados para a terra esmerilham o grão de pó do ouro, o mostrador sempre franco aos compradores, as praças de

trafico commercial tão frequentadas como na vespera, o mesmo bulicio do interesse, a mesma sêde da materia, a mesma preocupação do *hoje* que foge, e o mesmo affectado olvido do *amanhã* que não passa... Sente-se frio n'alma (deixem passar a phraso) ao colhêr assim em flagrante essa especie de atheismo pratico (como lhe chama um grande escriptor) que ostenta uma sociedade que se denomina christã, supprinando voluntariamente o culto publico, official, da religião de um povo, qual é o domingo.

E mais, que a observancia d'esse dia não é só o bem de Deus, é tambem, como já disse, o *bem do homem*.

Elimino-se da vida popular a observancia do domingo, e subverter-se-ha totalmente a ordem logica das cousas; a materia será anteposta ao espirito, o vil egoismo ao dever, a paixão á consciencia.

Que digo? á força de só viver da materia, e de tudo quanto a olla prende, de só medrar para a terra e para si, o povo depressa acabará por persuadir-se que n'isso se cifra toda a realidade, e que tudo mais é pura chimeria! Fallai-lhe dos dogmas, das crencas, das practicas christãs, encolhêrá os hombros, como se lhe dirigis-seis uma linguagem estrangeira. Não conhecerá outra divisa, outra crêdo, outra verdade senão o — *in hoc signo vincas* da moeda metalica.

Então tudo desce, tudo se degrada, tudo cae por terra. Então apparecom nas gerações, como caracter dominante, esses phenomenos lugubres, que attestam a indigencia e o aviltamento completo das almas, o materialismo pratico, o *chato positivismo*, o abjecto realismo social, que não vê nem comprehendendo, nem ama, nem adora, sonão o que se sente e se toca, o que se vende e se compra, o que se conta por notas, ou coupons, o que se regateia no mostrador, no mercado, ou na praça publica.

E no meio d'esta vida tão arreçada da altura da propria dignidade humana, no meio das violações do dever sem arrependimento, das fraudes mercantis sem remorso, das grandes quedas sem rehabilitação, dos crimes sepultando-se diariamente nos abysmos

da consciencia sob a ruina de outros crimes, o senso moral acaba por extinguir-se, e a desmoralisação, com todo o seu cortejo ignobil, sóbe ao pedestal d'onde desceu ultrajada a virtude.

Ha ainda outro bem de que a violação do domingo desherda o homem — é o bem do coração, a alegria pura.

No meio d'uma população sem domingo e sem Deus, multiplicar-se-hão os banquetes, os espectaculos, as festas, as symphonias, os gosos..., e não existirá a alegria, essa alegria do homem inteiro, que não é uma simples contracção organica da face e dos labios, acompanhada d'um som intermitente, o estridulo, ridiculo e banal, mas a que cala nos seios mais intimos da alma, derramando em todo o sêr humano um sentimento de infavel gosto.

Como poderá repontar d'entre tantas ruinas do coração essa flôr celeste e mimosa?

A alegria desabrocha sob a acção fecundante do bem practicado, e no ambiente divino da religião.

A alegria é sorriso do homem ao osculo de Deus.

A alegria é semelhante ao rocio que reverdece a flôr pendida; cae lá do céo como uma gotta de seiva immortal sobre a terra árida da nossa alma.

N'este principio reside a razão secreta que faz do domingo para o verdadeiro christão um dia de puro jubilo e de legitima ventura.

N'esse dia sequestrando-se do commercio dos homens, que, segundo a expressão conceituosa do philosopho romano «nos tornam muitas vezes menos homens pelo zeu contacto — *quoties inter homines fui, minor homo reddi*», (1) o crente sincero entra com seu creador em relações mais intimas e cheias de suavidade.

O corpo, vergado por seis dias sob o fardo do labor, ergue-se, a fim de alçar os olhos para os espectaculos da religião, e o espirito para a patria do espirito; enxuga a testa marejada de grossas bagas de suor, lava as mãos denegridas do nobre pó da industria, despe a librê do trabalho e da servi-

(1) *Senec.*

dão, e entrega a librê do homem livre, para dirigir-se prazenteiro á casa do Pae de familia.

Ahi, enfim, respira a pleno pulmão n'uma atmospherã mais pura e serena, que não repercuta os sons importunos do bulicio humano, e a alma por seu turno resfolega, por assim dizer no seu proprio ether.

O templo apparece-lhe como a perspectiva longiqua do paraizo; e se esse homem é pobre, o sanctuario offerece-lhe a synthese de todos os espectaculos que o mundo denega á sua independencia, e que a religião lhe proporciona gratuitamente.

A Igreja representa a seus olhos o esplendor, a magnificencia do homem, exalçada, porém, pelas magnificencias de Deus; exhibe-lhe as creações da arte nos seus mais inspirados primores, isto é, a eloquencia, a musica, a pintura, a esculptura, a architectura; a Igreja é para elle, deixai-me assim dizer, o seu unico theatro, o seu museu, a sua exposição industrial, o conjuncto, finalmente, dos unicos gozos sociaes, accessiveis á sua condicção somenos.

Ao sahir do templo, sente-se com certeza mais leve, mais satisfeito, e resignado para os trabalhos da semana seguinte, porque já leva consigo a benção de Deus, que lhe segredou ao ouvido: — «Trabalha, que eu te auxiliarei e fecundarei o teu suor.»

Regressa á sociedade e aos seus attritos, por vezes tão pungentes á vida material e aos seus enojos inevitaveis, á loja, á officina, á banca e á fadiga, que lhes é inherente; mas para resistir por um modo effizaz a cada um d'esses attritos e decepções, tirará de si mesmo uma porção d'essa virtude, d'essa coragem sobrehumana que bebeu aos pés do altar.

No adro, deparam-se-lhe talvez alguns dos amigos que os negocios dos dias precedentes lhe haviam isolado; e a mão do amigo, que não tocará durante seis dias senão o arado, o martello, a agulha, o livro de contas, o metal, em summa a materia, toca no domingo essa mão nobre do homem, em que a vida corresponde á vida e a amizade á amizade.

Voltaremos ao assumpto no proximo numero.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO SCIENTIFICA

ERRATA.

No artigo—Ajuste de de contas com o positivismo—p.º 2.º, col. 3.ª, onde

se lê por duas ou tres vezes—posto—que—leia-se, *porisso que*.

Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo

III

(Continuação)

A' luz d'esta lei e debaixo de sua direcção espontanea, indeclinavel e perenne, o homem discerne o bem e o mal moral; sente-se dominado irresistivelmente pelo primeiro, impulsionado pelo sentimento profundo do bem moral para um Ser que se revela em sua consciencia, como seu bem summo e seu supremo legislador. Experimenta que não é elle o auctor de sua consciencia moral: longe d'isso sente-se dominado, subjugado, determinado por ella, inferior a ella. Em outros termos: a consciencia moral reconhece em si mesma a existencia d'um duplo factor humano e subjectivo, subordinado a outro factor divino e objectivo: o homem sente e experimenta Deus em sua consciencia: a lei moral conhecida, sentida e experimentada na consciencia e pela consciencia, é a revolação experimental de um Legislador divino.

Nem sabemos que o materialismo pretende apoiar a sua these atheista lançando mão de argumentações, ainda que distinctas, não superiores em valor scientifico ás apresentadas por Büchner em sua citada obra. A experiencia nos demonstra que os phenomenos da natureza se realisam com subjeição a leis immutaveis e fixas: logo não existe causa alguma superior ou intelligente, capaz de entrever na producção dos phenomenos, os quoes não são mais que transformações da materia e da força ou do movimento que lhe é inherente, com subjeição a leis estaveis e fixas. Esta argumentação, reduzida a termos precisos e concretos, equivale á seguinte: «Não existem milagres, nem providencia particular: logo não existe Deus.»

Salta á vista a illegitimidade de semelhante deducção. Se a logica significa algo, a não existencia dos milagres não conduz necessariamente á negação de Deus. Por ventura a immutabilidade absoluta das leis naturaes, dando que existisse, exclue a necessidade da origem primitiva d'estas leis? Com que direito deduz esta affirmacção a escola positiva, que faz profissão de não affirmar nem negar mais que o que consta directa e immediatamente pela experiencia? Onde está a experiencia que presonciou a origem, o primeiro passo, a primeira manifesta-

ção e como o despertar inicial das leis naturaes?

Ha mais todavia: ainda quando existisse essa experiencia primitiva, só serviria para fazer constar a existencia da lei, mas não para provar que *esta lei existia por si mesma, sem dependencia alguma d'outro ser*. Porque o relógio uma vez construido e posto em movimento, segue uma marcha uniforme e constante; *devemos ou podemos inferir legitimamente que não suppe nem exige a acção e a causalidade do relógio?*

É tenha-se presente que tudo isto tem lugar ainda na hypothese do que fôra certo que a immutabilidade e fixidez das leis da natureza são tão absolutas que excluem o milagre e toda a intervenção divina na marcha dos phenomenos naturaes, hypothese cuja realidade não ha demonstrado até agora nem demonstrará jámais o materialismo. A existencia e a realidade de alguns milagres reúnem todas as condições de verdade e todos os caracteres que pôde exigir a critica mais scientifica, mais rigida, mais inexoravel, podendo dizer-se que entram no quadro da sciencia experimental e positiva.

Por outra parte, e abstracção feita de todo o milagre, para qualquer homem sensato, para todo o homem livre da preocupação materialista, a immutabilidade e fixidez das leis naturaes não exclue a probabilidade das suas modificações, pelo concurso e intervenção de causas livres. Qualquer que seja a immutabilidade d'essas leis, é innegavel que a actividade livre do homem, pôde modificá-las em varios sentidos, variar a sua direcção, multiplicar as suas applicações; que nenhuma outra cousa representa e significa a industria em todas as suas grandes maravilhas e applicações, do que o resultado da intervenção, e, por assim dizer, da intercalação da acção livre do homem na acção necessaria da natureza e de suas leis. E se o homem, actividade finita, imperfeita e debil, pôde modificar o curso, as forças e a direcção da natureza e suas leis, apesar de sua immutabilidade e fixidez, *com maior razão o poderá este Deus, actividade infinita, sem que sua intervenção ou providencia (para chama-la por seu proprio nome) destrua a immutabilidade e fixidez que correspondem ás forças e leis da natureza.*

IV

Digamos desde já algumas palavras sobre a outra these fundamental do materialismo positivista de nossos dias.

Cabanis havia dicto: *O pensamento é uma secreção do cerebro*. Vogt, adop-

tando a doutrina de Cabanis, a reduzir a uma fórmula mais explicita, e mais em harmonia com a theoria materialista, reproduzindo a concepção, de Cabanis nos seguintes termos (ATTENÇÃO!!): «*Entre a intelligencia e o cerebro ha a mesma relação que entre a bilis e o figado, ou entre a urina e os rins.*» Isto vale tanto como dizer, que assim como podemos recolher em uma garrafa a bilis ou a urina, podemos tambem encher algumas garrafas de intelligencia e pensamento.

No reino de Tonquin e em alguns outros povos selvagens costuma-se comer crú, já o figado, já o coração dos homens que, ao morrer, dão provas de valor, com o fim e na persuasão de tornarem-se valentes por este meio tão estúpido como repugnante á natureza humana. Lástima é que os materialistas não se dediquem a encher frascos de intelligencia, estabelecendo boticas em seu proveito o qual seria sem duvida abundante, se é certo que *stultorum infinitus est numerus*. É esta extracção e composição, ou combinação chimica, não deverá ser difficil, se é certo como afirma Moleschott que o *phosphoro produz pensamentos...*

Büchner, apesar de toda a sua reconhecida e incontestavel despreocupação materialista, não pôde devorar estas formulas lisas e singelas de seus correligionarios, considerando-as, sem duvida, demasiado fortes, e procurou dulcificar-lhos a aspereza dizendo que o cerebro não segregava materias palpaveis, são *forças*, o que equivale a dizer que o pensamento é uma força ou movimento do cerebro. «A secreção do figado, diz elle, e os rins têm lugar sem nosso conhecimento, de um modo occulto e independente da actividade superior dos nervos, e produz uma materia palpavel; a actividade do cerebro não pôde verificar-se sem completa consciencia d'elle, nem segregava substancias em forças.»

Segundo o principio fundamental do materialismo moderno, assim como não ha materia sem força, tão pouco ha força sem materia. É em virtude de descobrimentos mais ou menos comprovados da phisica moderna, uma quantidade dada de movimento se transforma em calor, e uma quantidade d'esto em movimento d'onde infere o materialismo que o pensamento não é mais que uma transformação do movimento, ou um movimento do cerebro em relação com a structura, a forma e organização d'este.

Se o materialismo se limitára a dizer que no homem o exercicio da intelligencia suppõe e vai acompanhado

do movimento do cerebro, seria aceitavel a sua theso bem que com certas reservas. Porém desde o momento que identifica a intelligencia com a massa cerebral; desde o momento que afirma que o pensamento é o proprio movimento do cerebro, entra no terreno do gratuito e do absurdo. Por uma parte, é incontestavel que, por mais que se ponha á tortura a imaginação e a razão, já-mais descobrirão identidade entre o movimento local e o *phenomeno psychologico* que chamamos pensamento. Por outra parte, se este é um movimento, preciso será que percorra um espaço maior ou menor em um tempo dado, o qual se verifique em uma direcção determinada, recta ou curva, com velocidade maior ou menor, etc., porque estas leis e caracteres são inseparaveis de todo o movimento de uma materia. Entrementes Büchner e Moleschott não nos digam se o movimento da materia que constitue o pensamento é um movimento recto ou curvo, intenso ou não intenso, assim como o numero de kilometros que pôde percorrer em um tempo dado, estamos no direito de rechaçar a sua theoria, a qual, por mais que outra coisa pareça á primeira vista, é na realidade tão grosseira e materialona, como a de seus collegas Cabanis e Vogt.

(Continua)

ZEPHERINO GONÇALVES.

SECÇÃO LITTERARIA

Do Havre a Ruão

Em cousa alguma terrena prelibei mais doce lenitivo para uns pequenos desgostos, que de vez em quando amarguram a existencia, como na contemplação dos mil attractivos, que a natureza nos offerece.

Sinto os pulmões dilatarem-se e o espirito retemperar se na fonte dos mais castos pensamentos, quando todo me embebo n'esse grandioso livro escripto com o dedo de Deus para conforto da humanidade.

Se o leitor amigo é do mesmo pensar, digno-se seguir-me em espirito n'esta curta digressão, já que não tive o prazer da sua amavel companhia.

Pela terceira vez tinha tilintado a sineta do elegante barco a vapor, que pelas apraziveis margens do Sena nos havia de conduzir á antiga capital da Normandia; quando um toque, como que a rebate, deu signal da partida.

Não sei o porquê da minha predi-

lecção pelas cidades maritimas, talvez por ter nascido á beira-mar; o que é certo é que com saudade me apartei d'essa cidade florescentissima, que a piedade de seus filhos denominou Havre-de-Grace, em santo reconhecimento pelo prompto auxilio que o nauta, batido das tempestades, sempre recebe da Mãe das graças, quando a Ella recorre com fervor.

Accrescia a lembrança do bom tempo aqui passado na companhia do meu amigo estinadissimo, o Commendador Francisco Ferreira.

O Havre, guarda avançada de Paris nas costas do oceano, chave do commercio da Normandia e uma das primeiras cidades maritimas de França, rica de gloriosas tradições e de homens celebres que a immortalisaram; pelo seu labyrintho de docas, que vão até o coração da cidade, offerecendo um asilo seguro a navios de todas as lotações, e vendo-se por toda a parte os mastros a topetar com os edificios; pelos templos, alguns de irreprehensivel architectura, elegante casa da camara, alfandega, commissariado geral, palacio da justiça e manufactura de tabacos; pelo seu museu, flanqueado pelas estatuas em bronze de seus filhos dilectos Casimiro Delavigno e Bernardin-de-Saint-Pierre, jardim e soberbo aquarium, interessantissimo pela variada collecção de actinias, por tudo isto merece bem que n'elle se fixem as atenções dos viajantes.

Uma cousa porém, que mais captivava é o amenissimo passeio ao cabo d'Heve.

Ao sahir da cidade atravessa-se a risonha povoaçãozinha de Santa Adresse, disposta em amphitheatro, revendo-se nas aguas da enseada em quo se banha.

Foi aqui que por muito tempo viveu com sens sonhos e delirios o festejado autor das *Guêpes*, Alphonse Karr.

A estrada passa juncto da casa apalaçada, onde reside a ex-rainha Christina e mais além fica uma interessante capellinha com excellentes pinturas em vidro, repletas de numerosos *ex-voto*, offerecidos pela gratidão dos filhos do mar á Mãe dos afflictos.

Por entre casas ajardinadas e fileiras de copadas arvores, colleando o dorso das elevadissimas e escarpadas rochas, que formam o cabo d'Heve, chega-se ao ponto onde se elevam os pharoes, que allumiam os marinheiros na entrada do porto do Havre.

E' então que se gosa um dos mais imponentes e extensos panoramas que a vista pôde alcançar.

D'um lado a immensidade do mar em perpetuo movimento, symbolo da mobilidade das cousas terrenas, do ou-

tro verdejantes campinas, exuberantes de seiva, como coração da juventude é cheio de affectos e esperanças; mais além...

Porem voltemos ao nosso garboso náutilo que com arrogancia vae cortando o liquido elemento, deixando a traz si argentea esteira.

Eis-nos já na embocadura do Sena, deixando a bombordo o grande molhe que interna no mar, o qual por vêr seus dominios devassados arremette em balde furioso contra elle.

Quasi na extremidade hastea-se o telegrapho semaphorico, ponto de reunião, á hora da preamar, da população mixta de que se compõe o Havre, quando dezenas de embarcações de todos os portos e feitios, vapores, brigues, patachos, escunas, galeras e corvetas; uns entrando, outros sahindo a barra passam deante do espectador.

E' então que melhor se pôde conhecer e estudar essa verdadeira Babel de typos e de linguas, Francezes, Inguezes, Belgas, Holandezes e Allemaes, não esquecendo a nossa nacionalidade, que na vespera da minha partida para Ruão tambem ahi se achava representada, ainda que mal, na minha pessoa.

N'uns rostos divisa-se a satisfação pela chegada do filho ou do pae; noutros a desconfiança de tristes novas; aqui a consorte chorando a partida do marido e acotovelando-se com esta a joven, que anciosa espera o promettido esposo; além o agente de companhias e o guarda-livros correndo pressurosos a annunciar que o navio aportou sem avaria.

N'este *pêle-mêle* de sensações encontradas, o meu espirito tambem não estava tranquillo.

Senti que as palitações eram mais apressadas e as saudades da patria mais vivas, quando vi desaparecer no horisonte o vapor Maria-Pia, levando-me o amigo ao seio da familia que de braços abertos o esperava.

Mas prosigamos a nossa derrota.

Batiam seis horas da manhã na egreja metropolitana do Havre, quando levantamos ferro.

O sol nascente galgava a custo as cristas dos montes, despedindo raios sobre a planicie e uma doce aragem encrespava suavemente a superficie do mar, que por largo espaço se confunde com as aguas do rio, orgulho da velha Neustria.

Singramos com direcção a Honfleur, na margem esquerda do Sena, primeira estação do vapor para a recepção de passageiros. O veu de gaze, que pairava sobre o oceano, rarefazendo se, deixou-nos vêr a pouco e pouco, d'um lado as costas de Ingouville, semeadas de arvoredos, do outro

Trouville, animadissima praia de banhos.

Dentre a verdura destacam-se antigas casas normandas que formam a cidadezinha de Honfleur, celebre pelos seus estaleiros, e abrigo seguro que o seu porto offerece aos navios que n'elle ancoram, a coberto dos asperos ventos do alto mar pelo cabo de Grace.

Não distante acha-se a humilde habitação onde se refugiou um principe perseguido pela furia da plebe. Luiz Philippe, enquanto não abicou ás praias hospitaleiras da Inglaterra. Annos antes tinha sido victoriado com as mais sollemnes ovações por esse voluvel povo parisiense.

Pareceu me então que o favor publico e as auras populares eram tam estaveis como essa bruma que ainda ha pouco cobria o mar: condensou-se durante a noite, mas ao despontar do dia foi-se adelgacando, até que raios solares a varreram do horisonte.

Estou quasi arrependido de ter pegado da penna, porque sinto fallecerem-me as forças para descrever as mil bellezas, que se ostentam aos olhos do espectador absorto, durante as seis horas de viagem e trinta leguas seguras que ainda temos a percorrer.

Tentemos ao menos um esboço a *vol-d'oiseau*.

O rio Sena em graciosos torcicollos e meandros, offerece-nos perspectivas cheias de originalidade, umas vezes serpenteando por entre espaçosos e viridentes prados, em que pascem manadas de cavallos e bois de bella raça normanda, outras por entre pomares de macieiras em flor, que impregnam o ar d'um olór suavissimo, ao mesmo tempo que os fructos, premidos e fermentados, produzem esse nectar por alguns tão encomiado, o vinho de cidra; aqui, largo, espriando pelos vales, além estreito e apertado n'uma garganta.

Nada falta para satisfazer a imaginação mais exigente: lindas casas de campo com seus jardins, kioskes e caramanchéis; povoações risonhas com seus campanarios gothicos mirando-se na corrente, já vertiginosa e rapida como o vendaval, já mansa e tranquilla como as aguas d'un lago; mosteiros em ruinas, com as arcarias ainda em pé, onde por tanto tempo passaram esses modelos de virtude, que com suas luzes dissiparam muitas trevas da idade-media; florestas e parques d'arvores seculares, e castellos feudaes com suas ameias e setteiras, envoltos em romanticas tradições; um verdadeiro quadro de magica, em que as scenas sempre novas e variadas delicias sobremodo.

Não nos deixemos, porém, embalar pelas caricias d'este rio seductor, pois

que á maneira da serpente uma ou outra vez se torce, volta e enrosca para melhor formar o salto com que ha-de empolgar a victimna.

Um exemplo.

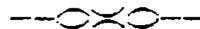
« A heroína adorada das *Feuilles d'Antoine* e das *Chants de Crépuscule* », no dizer de Julio Janin, a filha de Victor Hugo, M.^o de Vaquerie, acompanhada de seu marido e d'uma loura creança, velejavam com bons auspicios rio abaixo levando ao leme piloto experimentado.

Uma rajada de vento bastou para cavar o abysmo onde se afundiram essas quatro existencias e momentos depois um barquinho, navegando ao acaso, era negro mensageiro de tão infausto acontecimento.

Mais um golpe profundo descarregado pela mão Providencia (que não dorme como algumas vezes succedia a Homero) sobre esse grande genio, que eu jamais deixarei de admirar a par e passo que lhe choro os desvarios.

Afferremos, porém, o porto, leitor amigo, pois já além divisio como esbatidas no azul do ceu as torres e agulha gothicas d'essa primorosa cathedral, mimo da architectura, que é a ufania dos filhos de Ruão.

P.^o F. SANCHES



A proposito do socialismo — Cartas

COMO SE VAE DESENVOLVENDO NA EUROPA E NA AMERICA. — DEFINIÇÃO AUTHENTICA.

Querido amigo:

Deseja que eu lhe escreva algumas cartas sobre o *socialismo*, *internacionalismo*, *communismo*, *nililismo*, *liberalismo extremo*, ou *liberalismo logico*, que tudo vale a mesma coisa, embora a ultima designação seja, a meu ver, a que melhor lhe quadra e a que eu cortamente empregaria de preferencia se consultasse só o meu gosto e se a primeira não fosse a mais usada para designar a escola que sabemos.

Deseja que eu lhe diga em ar noticiarista como vae o mundo relativamente ao socialismo, ou como vae crescendo o socialismo no mundo, e o que eu penso a tal respeito.

Farei diligencia para lhe satisfazer o desejo, principiando hoje por encher tres ou quatro tiras de papel de amne pois concluir por onde deveria ter principiado.

O que é, ou o que entendo eu por

bos os lados, noticiando-lhe o que me occurrer sobre a presente diffusão do socialismo. O assumpto é trivial. O amigo não ignora que se não passa dia em que por cartas, jornaes ou telegraphmas se não recebam novidades, isto é, tristes noticias de alguma parte do globo, e ás vezes de diversas, sobre o movimento socialístico, — praga horrenda a cuja invasão completa parece estar condemnada a huimana sociedade, por sua culpa, por sua grande culpa, para o ultimo quartel do seculo XIX, o mais tardar. Não é praga de um só paiz; tem se propagado de povo a povo, de nação a nação, e havendo atravessado os mares passa de continente a continente.

Em poucos annos, desde que o prussiano-judeu Lassalle, amigo do sr. Bismark (ainda ha poucos dias o grande chanceller se gabou d'isso!) lhe lançou os fundamentos, só na Alemanha, quanto progresso!... Mas este ponto merece capitulo á parte. Fique para outra vez.

Na Inglaterra o socialismo «manobra formando paredes» (*grèves*). Em Blakbourne recomeça a pedir augmento de salario e diminuição das horas de trabalho. Consegue que alguns proprietarios de fabricas, não podendo annuir a taes petições, se vejam forçados a fechal-as. Milhares de operarios se encontram por conseguinte sem trabalho e dentro de poucos dias talvez sem pão, se não acontecer que alguma providencia occulta (benéfica? — Cuido que maléfica) os venha soccorrer, alimentando-lhes o ocio e excitando-lhes cada vez mais as paixões cupidas. — Refiro-me á *Internacional*, associação, como é sabido que actúa ou deseja actuar as doutrinas socialistas.

Em França caminha-se pela mesma senda tortuosa e cheia de barrancos: *paredes* aqui e ali, e com os mesmos pretextos, com a mesma attitudo, com as mesmas tendencias, apesar de terem os socialistas compadres muito intimos no poleiro governativo. As suas cadeiras d'ensino são talvez por isso em França mais numerosas que n'outras partes, seus propagandistas mais entusiastas, e o terreno parece *mais e melhor* preparado para receber a semente que se lhe deita. Ha pouco, como terá o amigo lido nos jornaes, trataram alli os socialistas de abrir um congresso, embora suspeitassem ou tivessem mesmo a certeza de que o governo o não queria tolerar, por medo especialmente a Bismark. Dissolvido, reuniram-se de novo em sessão semi-publica: tornados a enxotar, fizeram como as moscas... mas em segredo, e só para *estudar qual deveria ser o seu procedimento futuro.*

«Parece que são, diz um jornalista de nome, o mais innocente partido, que estuda o modo de vencer os adversarios pacificamente, para o bem da nação. — Espere-se-lhe pela volta!

Na Hespanha não são menos comprehendedores. Especialmente na provincia de Valencia fazem numerosos proselitos. Os caseiros agricolas coligaram-se. Na tarde de 2 de setembro lançaram fogo a muitas herdades em volta de Valencia e puzeram pasquins «não se sabe como» em todos os lugares mais publicos da cidade. nos quaes pasquins entre outras coisas se lia:

«Agora queimamos as colheitas dos caseiros que pagam as rendas; depois irão as casas; depois... mortandade.» Os crininosos não se descobrem por mais que a policia trabalhe. «A gente de bem está aterrada», escreviam de alli, bastantes dias ainda antes do attentado de Juan Oliva contra o joven D. Affonso.

O que os *socialistas nihilistas* fazem na Russia, sabe-o todo o mundo, e horrorisa-se. Uns depois d'outros caem os chefes da policia do imperio ás mãos de assassinos, e até de *assassinas*; depois outros chefes secundarios; depois testemunhas de todos os sexos, edades e condições!... É a imprensa socialista da Alemanha e da Italia, da querida Italia-una, este Benjamim femea do liberalismo), approva o *alto-feito*, calorosamente e sem rodeios!..

Na Italia são absolvidos ás duzias socialistas, assassinos confessos de soldados da policia, o festeja-se publicamente a impunidade. O socialista Lazaretti e alguns *lazaretistas* são mortos por engano, é verdade; mas os *irmãos* sobreviventes promettem tirar desforra, e *pura breve*. «Nas Romannhas, em Napoles, na Toscana e na Sicilia, os internacionalistas crescem espantosamente de dia para dia», escrevem ha poucos dias de Roma.

Em Portugal a indole branda do nosso povo e alguns contra-tempos intestinos do ramo da *Internacional* aqui plantado, ainda não tem permitido certos factos; mas a gangrena va lavrando á surdida e o futuro não se apresenta menos temeroso do que n'outros paizes. Os *pensadores darwinianos, positiveiros e macaqueiros* parece que juraram appressar-lhe o advento.

Disse ha pouco que o socialismo transpoz os mares. Nos Estados-Unidos va elle serpeando entre o povo e profundamente o revolve, mais do que n'outras partes; nem ha porque admirar-se d'isso: quem ignora que para alli passam de continuo, misturados com muitos homens honestos,

que vão procurar honradamente a sua vida, outros que bem se podem chamar as feras da Europa? Não poucos proscriptos da patria por seus crimes atravessam o Atlantico e é facil conjecturar os erros anti-sociaes, as mortalidades e os crimes com que vão mimosear a sua nova patria.

Ultimamente a camara dos deputados de Washington, pensativa pelo surdo agitar-se do povo de grande numero de localidades, que sempre presta attento ouvido aos tribunos, embora de contrabando, cahiu na tolice monumental de organizar uma commissão que recolhesse os desejos d'esta *gentinha* inquieta, para ver se se haveria algum modo de a tranquilisar. Quer saber o resultado, meu bom amigo? Pois ouça:

Uns propozeram muito seriamente que «o governo se apoderasse de todas as propriedades dos cidadãos particulares, das fabricas, do commercio, e que se fizesse de tudo patrão e director.» — Outros que «fossem destruidas immediatamente todas as machinas que fizessem concurrencia á mão d'obra dos artistas.» — Estes que «fosse abolida a moeda metalica, sendo substituida por papel-moeda em grande abundancia, dando-se logo a cada operario tres contos de reis.»

— Aquelles, que o governo dirigisse tudo e pagasse um salario igual a todos os cidadãos, fosse qual fosse a sua capacidade.»

Alguns tambem podiram que se declarassem *festas de preceito* a quarta feira, o sabbado e o domingo, e que o tempo de trabalho não podesse passar de oito, de seis, e até de cinco horas por dia.

O que lhe parece de semelhantes exigencias? Aposto que ha na Europa quem as julgue bem pouca coisa para o que deveria ser, proclamando directamente a «anarchia»...

No entanto, se o povo é soberano... e se a maioria... Ah! liberalismo!...

Mas não convém sair do assumpto.

Sem julgar por agora da efficacia e da conveniencia dos meios que alguns governos parecem resolvidos a empregar, é certo que o impedir o desenvolvimento ulterior da conjuração socialista é um verdadeiro dever para aquelles que teem na mão a sorte dos Estados.

Mas o socialismo será devéras derrotado e tornado impotente sem que se realise primeiro o seu *desideratum* sobre a superfluo da terra, o caos, o inferno, embora seja por poucos dias, semanas ou mezes..., horas ou minutos?

Quem sabe? Só Deus.

O papel está-se a acabar! Deixe-

socialismo, está-me v. interiormente perguntando desde que lançou os olhos á primeira linha d'estas garatujas. Socialismo, caro amigo, segundo os economistas, «é uma denominação que abrange as ideas e os systemas que desconhecem os principios de propriedade, attribuições anormaes, exageradissimas e quasi illimitadas no Estado». Segundo certos politicos, «são as aspirações populares bem ou mal fundadas» (*Journal des Economistes*, fasciculo de julho de 1878, pag. 8 e 9) Mas essas definições não são boas, por não serem auctorizadas nem completas; a melhor, e a que eu adopto, é a que deu ultimamente a propria sociedade *Internacional e socialistica*, embrulhada nas seguintes palavras: «Como a causa prima de todos os males que affligem a immensa multidão dos productores da vasta superficie do globo é o Estado, a associação internacional dos trabalhadores invoca a completa destruição deste grande mediaçeiro do despotismo, e tende a substituir a *anarchia á auctoridade*, os *contractos ás leis*, a *propriedade colectiva á propriedade individual*, o *amor livre ao matrimonio*, o *homem a Deus e a universalisação do trabalho á patria.*» (Veja *Civiltá*, fasc. de 21 de setembro de 1878, pag. 642).

Aqui se vê o verdadeiro conceito do socialismo,—da unica forma do liberalismo logico, em toda a sua clareza. E' a demolição de toda a ordem social pela anarchia; é a demolição da estábilitade do direito pelo capricho das opiniões individuaes; é a demolição da propriedade pelo *collectivismo*; é a demolição da familia pelo *amor livre* ou *vaga-Venus*; é a demolição do culto, de toda a religião, de toda a crença, de toda a moral, pelo atheismo: n'uma palavra, é a demolição universal... o *demonio*... peor...

Adeus!—Sou, etc.

Lisboa, 11-9-78.

Um Vimaransense.

PUBLICAÇÕES

Livros, jornaes, catalogos, prospectos, etc., dirigidos a esta redacção por seus escriptores ou editores, que muito agradecemos:

INSTRUCÇÃO PASTORAL sobre o Protestantismo, dirigida aos seus diocesanos, pelo Bispo do Porto, D. Américo.

Edição da casa Chardron do Porto, preço 120 rs. Já fallamos largamente acerca d'esta obra.

ALMANACH DO HORTICULTOR, para 1878, publicado sob a direcção de Duarte d'Oliveira, por David Corazzi Lisboa, editor, preço 300 rs.

E' um livrinho de summa utilidade para os amadores. Adornam-o numerosas gravuras.

MUSEU DE LOS NIÑOS. — *Revista quincenal.—Instruccion, moralidad y recreio—n.º 1.º—1 de novembro de 1878.*

Recebemos o 1.º n.º d'esta revista propria para crianças, que se publica em Madrid. Traz magnificos artigos de interesse e moralidade e algumas gravuras coloridas e em preto. A publicação é feita nos dias 1 e 13 de cada mez, e o preço é de 12 reales por trimestre.

A administração é em Madrid, calle de Leganita, 39.

DICCIONARIO POPULAR. *Historico, geographico, mythologico, artistico, bibliographico e litterario. Dirigido por Manuel Pinheiro Chagas.*

Recebemos os fasciculos n.º 113 e 114 d'esta publicação, que seria importantissima se á testa d'ella se achassem homens conscienciosos para não trocarem os factos historicos respeitantes á Igreja, aliando á inportancia litteraria que não podemos negar á obra, a verdade historica.

La Ilustracion Española y americana.

Temos sobre a banca o n.º 42 correspondente a 15 de novembro, d'esta interessante publicação illustrada de Madrid.

Acompanham este numero muitas e bem trabalhadas gravuras, sobresaindo entre ellas una que representa a volta d'uma caravana de peregrinos, sectarios de Mahomet, da sua romaria a Meca.

Esta publicação quando não tivera outro merito, seria bastante o dizer-se que é catholica o que nós apreciamos.

HISTORIA UNIVERSAL, por C. Cantu, tradução de Manoel B. Branco.

Temos recebido os fasciculos 55 e 56 d'esta importantissima obra a que serve de recommendação e boa recommendação o nome do autor.

O ultimo dos fasciculos que temos presentes dá principio ao volume XI.

Esta obra é editada pelo P.º Francisco Arthur da Silva, de Lisboa, e é já a 2.ª edição.

CATALOGO DE PUBLICAÇÕES EM 1878, feitos pela casa Chardron, do Porto.

Cá nos chegou este catalogo acompanhado d'uma carta em que se nos pede a publicação do mesmo por extenso. Quando não fosse bastante o que temos estabelecido de não publicar annuncio algum de obras que não conheçamos, ou nos não forem enviados os exemplares das mesmas; grande, bem grande motivo tínhamos para não publicar o catalogo em questão. As columnas do *Progresso Catholico* não são esquina ou pano de boca de theatro onde se foram guardar quantos cartazes aprouver aos que se empregam na exploração publica; e mal ausadamente andou o snr. Chardron em nos fazer tal pedido.

No catalogo de que fallamos ha, não o duvidamos, obras de reconhecido merecimento e sã doutrina; mas entre estas estão: 1.º *O Primo Basilio*, livro estupidamente engendrado, pela cabeça do snr. Eça de Queiroz (?). E' uma publicação infame a todos os respeito, e de que nos occuparemos em breve.—2.º *Fóra da Terra*, por Pinheiro Chagas. N'este livro é ridicularisado o milagre de Lourdes, mutilado o clero catholico, aleunhando-o de explorador das consciencias, etc.—3.º *O Crime do P.º Amaro*, por Eça de Queiroz, livro que repugna ás mais largas consciencias, e que a pessoas bem libertinas temos ouvido dizer que é o livro mais altamente immoral que se tem escripto.—4.º *O Agricultor do Norte de Portugal*, que tão forte censura mereceu aos nossos illustradissimos collegas da *Ordem*. E finalmente, para que nada ali falte, ha tambem: — *Principios de Philosophia positiva*, por Augusto Comte!!

Eis a razão porque não satisfazemos ao pedido do snr. Chardron.

Recebemos em troca:

A Ordem, de Coimbra; *Propaganda Catholica*, do Porto; *Conimbricense*, de Coimbra; *Correio de Lisboa*, de Lisboa; *Progresso Pombalense*, do Pombal.

A' *Palavra e á Ordem* agradecemos as expressões com que annunciaram a aparição da nossa Revista.

PROPAGAÇÃO DA FÉ

Posto que possamos fazer todos os dias muitas obras boas, se nos conservarmos unidos a Nosso Senhor Jesus Christo, existe todavia uma obra excellente entre todas e particularmente meritoria, tendendo directamente para a maior gloria de Deus e para a salvação das almas. É a piedosa Associação para a propagação da nossa santa fé.

A poucos é dado deixar o bem-estar da familia, os gozos da terra natal, as inapreciaveis vantagens da civilisação, para irem derramar as verdades essenciaes da religião pelos remotos confins da terra, viver no meio dos selvagens anthropophagos, e sujeitar-se ás perseguições barbaras e crueis; mas a todos é possível implorar de Deus a salvação d'aquelles nossos irmãos, resando todos os dias um Padre Nossó e Ave-Maria com a jaculatoria — S. Francisco Xavier, rogae por nós—; e raros serão aquelles que não possam concorrer com a pequena esmola de dez réis por semana para as enormes despezas das missões, principalmente este anno em que os missionarios tiveram de socorrer na China milhares de desgraçados, que o terrivel flagello da fome reduziu á miseria e á morte. Quando a heresia, para derramar seus erros, alcança mais de cinco mil contos por anno, não faremos nós os catholicos cousa alguma para espalhar a nossa santa fé? Os Soveranos Pontifices tem enriquecido esta obra tão meritoria quanto

simples com muitas indulgencias e privilegios, dos quaes é inapreciavel o de altar privilegiado para todas as Missas que se celebrarem por alma de um associado fallecido.

No dia 22 de dezembro ha de celebrar-se na igreja da Misericordia d'esta cidade de Guimarães a festividade de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias e inelyto Padroeiro da Associação da Propagação da Fé. Constará de missa cantada, com exposição do Santissimo Sacramento todo o dia, vespersas e sermão de tarde, prégado pelo Revd.º Padre José Joaquim de Senna Freitas, da Congregação da Missão.

Os associados que, confessados e refeitos com a Sagrada Eucharistia, visitarem n'este dia ou n'um do oitavario esta igreja, ou a da sua parochia, e ahi orarem segundo as intenções do Summo Pontifice, alcançam indulgencia plenaria applicavel ás almas do Purgatorio.

Os fieis que ainda não são associados, e quizerem aproveitar estas e muitas graças e indulgencias e concorrer para tão meritoria obra, podem desde já, e antes do dito dia 22 de dezembro, associar-se, dando seus nomes na sacristia da mesma igreja da Misericordia, para serem escriptos no livro dos associados.

EXPEDIENTE

Por se haver extraviado parte do original, não pôde sair o presente n.º no dia 30, do que pedimos desculpa aos nossos assignantes.

O «Progresso Catholico» con-

tinúa a ser enviado a todos os srs. assignantes da *Historia dos Papas* e das mais publicações feitas pelo editor d'esta revista, pois que contamos d'esde logo com a assignatura de todos. A ultima parte do expediente do primeiro numero só se entende com os cavalheiros a quem mandamos a folha sem aqui terem aberto outra assignatura. Todavia a todos pedimos o prompto pagamento de suas assignaturas.

Aos srs. assignantes, cujas importancias estão satisfeitas, enviamos a cinta do periodico com a seguinte declaração:

«A assignatura de V. Exc.ª está paga até ao dia 15 d'outubro de 1879».

A todos continuamos a pedir o favor de nos angariarem assignaturas.

Preço da assignatura:

Anno, para Portugal e ilhas 600 rs.
» Brazil — paquetes . . 1\$200 »

As assignaturas pôdem principiar em qualquer n.º, mas terminarão sempre com o ultimo de cada anno.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do *Progresso Catholico* rua de S. Damazo, Guimarães, e os vales ou ordens de pagamento passados a favor de José Antonio Teixeira de Freitas.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

Acaba de sahir á luz:

JESUITAS!POR
PAULO FÉVALObra traduzida livremente
do francez, e annotada

PELO

PADRE SENNA FREITAS(Precedida do retrato e d'uma carta
do auctor e d'outra do traductor.)

VOLUME I

Preço 500 rs.

HEROISMO DE SOTAINABaseado sobre a campanha
franco prussiana de 1870.

PELO

BARÃO GENERAL AMBERT(Antigo deputado e conselheiro do es-
tado em França)

VERSÃO DA 6.ª EDIÇÃO

Por Pedro Cabral

1 vol. de 306 paginas, 600 rs

INDECE

Prefacio.—Capitulo I—O Padre.—
Cap. II—A guerra.—Cap. III—A
França.—Cap. IV—A invazão.—Cap.
V—As irmãs da caridade.—Cap. VI—
O captivo.—Cap. VII—O calvario.—
Cap. VIII—A Igreja—As campas.**IMITAÇÃO DE CHRISTO**

OU

DESPRESO DO MUNDODividida em quatro livros, e
novamente acrescentada com a oração
mental, mais e orações.

Pelo veneravel

Thomaz a Kenpis

Conego regular do Santo Agostinho

Um volume de 332 paginas, bem en-
cadernado, 500 rs.**DISCURSO FUNEBRE**

RECITADO PELO

**P.º Joaquim José d'Abreu Campo
Santo, S. J.**

NAS

*Solemnes exequias do Summo Pontifice***PIO IX**Celebradas na igreja conventual de
Santa Martha, pelo conselho central do
Apostolado da Oração.

1 folheto de 28 paginas 60 reis

*Enviado franco, pelo correio a quem
mandar a sua importancia a Teixeira
de Freitas—Guimarães.***OS NOSSOS BISPOS DO CONTINENTE****A PROPOSITO**

DAS

EXEQUIAS DA LAPA

EM HONRA

DE

Alexandre HerculanoAcaba de sahir do prelo este importante
livrinho que se vende por 200 reis
Para os assignantes da *Historia Popular
dos Papas* e do *Progresso Catholico* 120 rs.Do artigo que a proposito d'este livrinho
publicou a *Civilisação*, de Ponta Delgada,
em seu numero de 4 de maio de 1878, ex-
tratamos o seguinte:«Recommendaos a leitura do referido
opusculo, poisque não vimos ainda alliar tão
bem a expressão franca e decidida das ver-
dades mais duras com o ministerio que exer-
cem os preladados. O seu estylo é tão brillhan-
te, energico, e colorido que nos faz lembrar
o de um ecclesiastico, notavel já pelos seus
escriptos, e que tem dado um grande impul-
so a este movimento litterario-catholico, que
admiramos».**A DOCTRINA CATHOLICA**

E A

ESCOLA LIBERAL

POR

D. José Maria Antequera

TRADUÇÃO E PROLOGO

DE

Martins Sousa

1 volume de 70 paginas... 200 réis.

*Do «Bem Publico» extrahimos as
seguintes linhas referentes a este livro*Encontra-se n'este livro a verdadei-
ra noção de liberdade, mostrando que
esta não póde nunca pertencer ao mal,
o que é erro preconizado pelo libe-
ralismo, posto que a não reconheça
para tudo o que a sua conveniencia
qualifica de mal. E mostra que a Egre-
ja foi sempre a mais incansavel pro-
tectora da liberdade em todos os tem-
pos, e portanto, quando ella se oppõe
ao systema que hoje se condecora com
esse nome, como sempre fizeram os
despotas, é porque é um verdadeiro
despotismo essa falsa liberdade.**ESCRITOS CATHOLICOS D'HONTEM**

PELO

P.º SENNA FREITAS

DA CONGREGAÇÃO DAS MISSÕES

1 vol. de mais de 300 pag. . . 500 réis.

*Extracto do «Commercio do Minho»
n.º 683*Um livro de certame catholico, um
livro cheio de interesse, e sem o con-
texto massudo, que muitas vezes afas-
ta o desejo de lêr, pela monotonia e ex-
tensão dos assumptos. Não: os «Escri-
ptos Catholicos d'Hontem», pelo padre
Senna Freitas, são curtas scenas de
combate, ora traçadas no remanso de
uma critica suave e florida, ora no
ardor do enthusiasmo catholico-patrio-
tico, com a vehomencia de uma logi-
ca indobavel, sempre ramalhetos de
estylo castigado, sempre arrojo de um
espirito inspirado na defeza da causa
duplamente santa da igreja de Pedro,
e da patria que é nossa.Livro para adversarios e para ami-
gos, para o povo e para as salas, pa-
ra os doutos e para familias, eis o que
nos parecem os «Escriptos Catholicos»
do padre Senna Freitas.**A REVOLUÇÃO**

INVESTIGAÇÕES HISTORICAS

POR

Mons. Gaume

TRADUÇÃO DE

Antonio Moreira Bello

Preço 120 réis.

*Todas estas obras são enviadas, francas
de porte, pelo correio, a quem mandar a sua
importancia a Teixeira de Freitas—S. Da-
mazo—Guimarães.*

BRAGA — TYP. LUZITANA — 1878.